

ECONOMIA - BRASIL

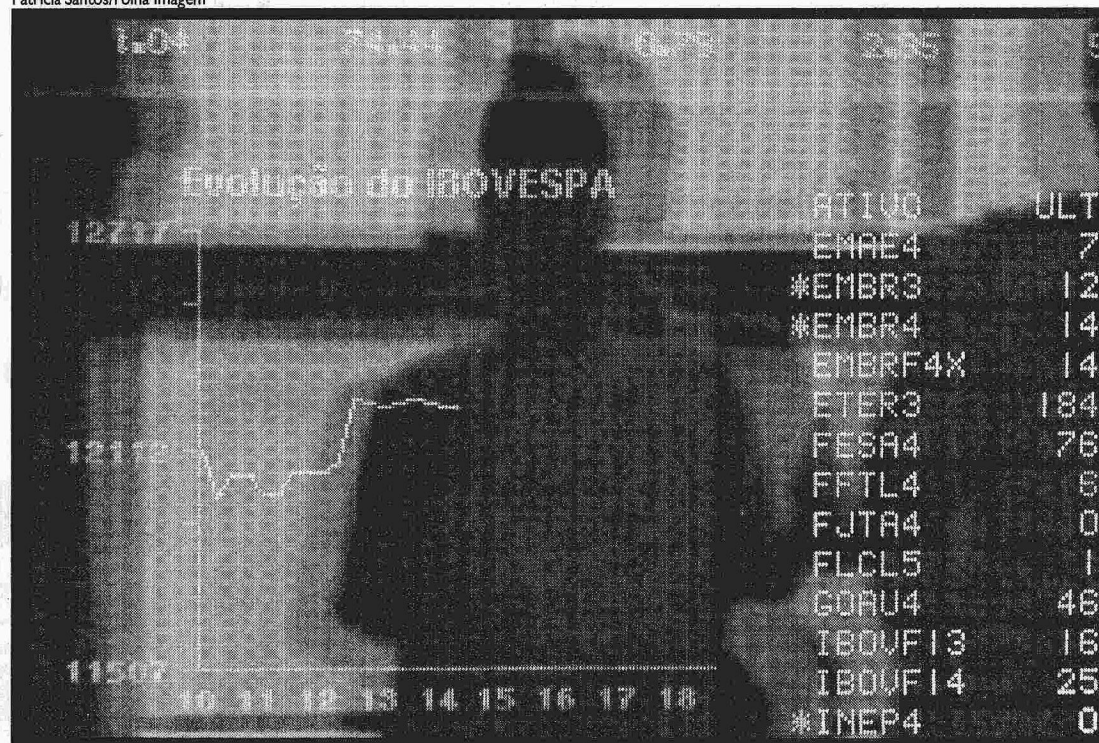


## CRÉDITO

Brasil sacará US\$ 5,2 bilhões do Fundo para reforçar as reservas cambiais e intervenções no câmbio. O objetivo do governo é conter desvalorização do real. FHC sugere dar "um calmante" ao mercado que continua nervoso

# Remédio do FMI contra a crise

Patricia Santos/Folha Imagem



OPERADORES OBSERVAM OSCILAÇÃO DA BOLSA DE SÃO PAULO: MAIS UM DIA DE NERVOSISMO NO MERCADO

## LULÔMETRO É IRONIZADO

A possibilidade de o candidato do PT à Presidência, Luiz Inácio Lula da Silva, vencer as eleições foi transformada em uma fórmula chamada de lulômetro. Esta fórmula, criada pelo banco de investimentos Goldman Sachs, é baseada em dados especulativos sobre a influência do avanço de Lula nas pesquisas nas taxas de câmbio, ou seja, se Lula subir nas pesquisas, o dólar subirá também. O diretor de Tesouraria do Banco Fator, Sérgio Machado, ironizou o lulômetro: "Eles (Goldman Sachs) não sabem de nada. Ficam fazendo megachutes a milhares de quilômetros de distância. Queria ver se eles acertam os números da Mega Sena."

Vicente Nunes  
e Ricardo Leopoldo  
Da equipe do **Correio**

O governo brasileiro resistiu o quanto pôde, mas decidiu ontem reagir com vigor para conter a onda especulativa que jogou os preços do dólar para o segundo mais alto patamar em oito anos de Plano Real, de R\$ 2,795, e fez o risco-Brasil explodir, fechando a 1.297 pontos. Por determinação do presidente Fernando Henrique Cardoso, assustadíssimo com a crise de confiança que assolou o país, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, e o presidente do Banco Central, Armínio Fraga, avisaram ao Fundo Monetário Internacional (FMI) que o país sacará,

de imediato, US\$ 5,2 bilhões de uma linha de crédito de US\$ 10 bilhões que está disponível. O dinheiro será usado para reforçar as reservas cambiais e para intervenções no mercado de dólar. A disparada da moeda norte-americana já está contaminando a inflação.

Junto com o saque no FMI, o governo deverá divulgar hoje, às 12h30, outras medidas para conter o nervosismo dos investidores, sobretudo por causa do temor de um calote na dívida pública. Entre elas, está um possível aumento dos depósitos compulsórios à vista ou a prazo dos bancos, para controlar a liquidez do mercado.

Há uma crescente rejeição do mercado em relação aos títulos emitidos pelo Tesouro Nacional,

mesmo o de curto prazo. Isso já provocou uma sobra de dinheiro na economia, superior a R\$ 8 bilhões. É o que se chama de empocamento de liquidez. Como os investidores não querem ficar com esses recursos parados, buscam proteção no dólar. Por isso a cotação da moeda norte-americana já subiu 11% neste mês, dos quais 3% apenas ontem.

O BC decidiu recorrer ao FMI, mesmo sabendo que a linha de crédito disponível — a *Supplementary Reserve Facilities* (SRF), acertada em setembro do ano passado, no auge da crise argentina — tem juros punitivos, bem acima das linhas tradicionais, como a de *stand by*, fechada em novembro de 1998, com a liberação

de US\$ 41,5 bilhões. Pela SRF, o Fundo aceita emprestar US\$ 15 bilhões ao Brasil, sendo que US\$ 5 bilhões foram sacados imediatamente. Outras duas parcelas, que somam os US\$ 5,2 bilhões, foram liberadas, mas o país disse que não precisava do dinheiro. Ainda há US\$ 4,9 bilhões dependendo de aprovação da direção do FMI, o que deve ocorrer até o fim deste mês. O BC sabe ainda que não pode aumentar juros, pois essa medida teria um efeito inverso, aumentando a desconfiança dos investidores.

Presente em uma cerimônia no Itamaraty, o presidente Fernando Henrique disse que é preciso "dar calmante ao mercado" para conter o nervosismo que o

atingiu nos últimos dias. "O que não pode é deixar o paciente todo prejudicado por causa daqueles dias", emendou. Em Belo Horizonte, o candidato do PT à Presidência da República, Luiz Inácio Lula da Silva, admitiu que pode perder as próximas eleições por causa do pânico da sociedade com a crise no mercado financeiro. "O mercado tem de parar de brincar com a fabricação de bombas caseiras e começar a se convencer de que vamos ganhar construindo parcerias", ressaltou.

### BOAS NOTÍCIAS

Nem mesmo as boas notícias da economia conseguiram acalmar os inves-

tidores ontem. Apesar de a inflação oficial de maio ter ficado em 0,21%, piso da expectativa do mercado, e de o Senado ter aprovado a prorrogação da CPMF até 2004 (leia na página 15), a histeria correu solta, por causa do medo do calote na dívida pública. "A reação exagerada dos investidores não tem nada a ver com a vida real do país, que não piorou nada nos últimos meses", afirmou Sérgio Werlang, diretor do Banco Itaú.

Justificada ou não, a expectativa de um calote fez o dólar subir 2,97%, fechando a R\$ 2,795, a maior cotação desde outubro. A Bolsa de Valores de São Paulo registrou queda de 0,63%.